

## **Sexualidade feminina: percepção de mulheres em processo de envelhecimento**

### **Female sexuality: perception of women in the aging process**

DOI:10.34117/bjdv7n6-421

Recebimento dos originais: 07/08/2021

Aceitação para publicação: 24/09/2021

#### **Maria Zali Borges Sousa San Lucas**

Mestre em saúde do adulto

Instituição: Universidade Federal do Maranhão; Hospital Universitário HUFMA

Programa de Pós-Graduação em saúde do Adulto/ CCBS UFMA

Endereço: Rua dos Magistrados, 17, Olho D'Água, CEP:65065-240, São Luís,  
Maranhão, Brasil

E-mail: zali\_sousa@yahoo.com.br

#### **Ednalva Maciel Neves**

Doutorado em Antropologia Social

Instituição: Departamento de Ciências Sociais; Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA); Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA); Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Endereço: Rua José Ferreira Ramos, nº80, Jardim Oceania, CEP:58037-545, João Pessoa, Paraíba, Brasil

E-mail: ednmneves@gmail.com

#### **Jacira do Nascimento Serra**

Doutorado em Políticas Públicas

Instituição: Universidade Federal do Maranhão; Departamento de Medicina I – DEMED I; Pós-Graduação Políticas Públicas/UFMA

Endereço: Avenida Jornalista Miercio Jorge, L11, Ed. Florença, Apto501, Renascença II, CEP:65075-675, São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: jaciraserra@gmail.com

#### **Amanda Ferreira Passos**

Formação acadêmica mais alta: Médica residente do Programa de Clínica Médica

Instituição de atuação atual: Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão; Universidade Federal do Maranhão

Endereço completo: Rua Barão de Itapary, 227, Centro, CEP:65020-070, São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: amandafpassos@yahoo.com

#### **Milady Cutrim Vieira Cavalcante**

Doutora em Saúde Coletiva

Instituição: Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão; Universidade Federal do Maranhão

Endereço: Rua Barão de Itapari, 227, Centro, CEP:65020-070, São Luís, Maranhão, Brasil

E-mail: miladycutrim@yahoo.com.br

### Zeni Carvalho Lamy

Formação acadêmica mais alta: Doutora em Saúde da Criança e da Mulher  
Instituição de atuação atual: Universidade Federal do Maranhã; Departamento de Saúde Pública; Pós-Graduação em Saúde Coletiva – UFMA  
Endereço completo: Rua Barão de Itapari, 155, Centro, CEP:65020-070, São Luís, Maranhão, Brasil  
E-mail: zenilamy@gmail.com

#### RESUMO

Objetivo: Conhecer a percepção de mulheres em processo de envelhecimento sobre sexualidade, identificando fatores que influenciam o exercício e a dinâmica da atividade sexual. Materiais e Métodos: Estudo qualitativo realizado com nove mulheres com idade entre 54 e 86 anos, participantes de um grupo de convivência de pessoas idosas, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas. Para a análise de dados foi utilizada a análise temática, identificando categorias de significação nos relatos. Resultados: As percepções e a dinâmica da atividade sexual no envelhecer foram influenciadas por diferentes fatores como imagem corporal, experiências vivenciadas no início da vida sexual ou ao longo da relação conjugal e por informações recebidas sobre sexualidade. A percepção sobre o envelhecimento também foi um fator que afetou as visões de corpo e sexualidade. Algumas relataram experiências sexuais marcadas pela violência sexual, psicológica e simbólica, tornando negativas as lembranças nessa fase da vida. Outras vivenciaram a revolução feminina, com exercício da sexualidade, embora marcadas pelo sentimento de culpa ligado a valores religiosos. Dessa forma, algumas mulheres negligenciaram seus desejos sexuais enquanto outras vivenciaram uma reinvenção quanto à sexualidade permitindo experiências nunca antes vividas pelas participantes como masturbação e homossexualidade. Conclusão: A sexualidade foi associada ao exercício do ato sexual com outra pessoa. As trajetórias sexuais das mulheres, ao longo de suas vidas, marcaram sua percepção e exercício da sexualidade durante o envelhecimento. O seu pleno exercício por mulheres neste processo, depende do autoconhecimento corporal, da legitimação da busca do prazer, assim como da percepção do próprio envelhecimento.

**Palavras-chave:** Mulheres, Sexismo, Envelhecimento, Sexualidade.

#### ABSTRACT

Objective: To know the perception of women in the aging process about their sexuality, identifying factors that influence exercise and the dynamics of sexual activity. Methods: Qualitative study carried out with nine women between the ages of 54 and 86 years old, participating in a group of older adults based on semi-structured interviews. Thematic analysis was used for data analysis, identifying categories of significance in the reports. Results: The perceptions and dynamics of sexual activity in aging were influenced by different factors such as body image, experiences in the beginning of sexual life or throughout the marital relationship and the level of information received about sexuality. The perception of aging is also a factor that affects the views of the body and sexuality. Some sexual experiences were marked by sexual, psychological and symbolic violence, which results in the denial this phase of life. Other women, who experienced the female revolution, with initiatives in the exercise of sexuality, although marked by the feeling of guilt linked to religious ethics. In this context, it was found that women neglect their sexual desires while others experienced a reinvention of sexuality so that new experiences such as masturbation and homosexuality. Conclusion: Sexuality was associated with the exercise of sexual intercourse with another person. The sexual trajectories of women,

throughout their lives, marked their perception and exercise of sexuality during aging. Its full exercise by women in this process depends on body self-knowledge, on the legitimacy of the search for pleasure, as well as on the perception of aging itself.

**Keywords:** Woman, Sexism, Aging Process, Sexuality.

## 1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento é uma fase importante na vida das mulheres que, ao longo deste processo, vivenciam diferentes desafios associados a alterações fisiológicas, limitações físicas e adaptações sociais e emocionais. Além disso, essa fase da vida está suscetível aos mitos e estereótipos relacionados ao processo de envelhecimento, autonomia e sexualidade (SCARDOELLI M; FIGUEIREDO; PIMENTEL, 2017).

No entanto, mudanças significativas na abordagem da sexualidade vêm substituindo a visão estritamente biológica e binária por uma perspectiva que reconhece os vários papéis sociais da mulher e reforça o direito à saúde sexual (GONTIJO; SCHAAN, 2017).

A sexualidade não se restringe à prática sexual, envolvendo também organização social, formulação cultural e instituição política da vida e das relações sexuais entre as pessoas, que inclui erotismo, identidades e políticas sexuais (GONTIJO; SCHAAN, 2017). Abrange um conjunto de experiências, emoções e sentimentos, moldada por valores individuais, atitudes, comportamentos, emoções, empatia, aversões e crenças espirituais, assim como diferentes influências exercidas pelo meio social. A sexualidade é dinâmica e mutável, de acordo com tempo e grupo social (TOZO et al., 2007).

Apesar dos avanços na compreensão da sexualidade, existe uma concepção pessimista sobre o sexo e a sexualidade na velhice e são muitos os preconceitos culturais vivenciados nessa fase da vida (RODRIGUES et al., 2018). A imagem da velhice assexuada se conjuga com um imaginário social de sexualidade reduzida ao ato sexual, engendrando preconceito sexista e negação de dimensões mais amplas do exercício da sexualidade (ALENCAR et al. 2016). Esse preconceito perpassa pela família, religião e sociedade e tende a reprimir as expressões da sexualidade na velhice, como se o interesse sexual causasse certo horror ou fosse algo aberrante, levando o idoso a se conformar com um destino tedioso (UCHOA et al., 2016).

Assim, a sexualidade da mulher idosa é influenciada negativamente por aspectos culturalmente cultivados a respeito de relações sexuais e pelas hierarquias de gênero, podendo comprometer sua qualidade de vida (BARRETO et al., 2018).

Embora estudos sobre a sexualidade feminina venham suscitando interesse progressivo (SARASWATI; SHAW; RELIHAN, 2020; WEINBERGER et al., 2018), uma revisão sistemática sobre envelhecimento, identificou apenas 22 publicações no período de 2008 a 2019, nas principais bases de dados da SciELO e PePSIC (LIMA et al., 2010).

Verifica-se que na literatura, a forma de abordar essa temática vem sofrendo variações ao longo do tempo. Artigos da primeira década do século XXI sobre sexualidade e envelhecimento apontam a educação repressora vivenciada pelos idosos como fator impeditivo de expressar opiniões sobre o assunto. No estudo de Frugoli et al., das 61 participantes do grupo de idosas investigado, apenas 14 se dispuseram a participar, o que indica que esse tema ainda estava cercado de preconceito entre os próprios idosos (FRUGOLI; MAGALHÃES JUNIOR, 2011).

Os estudos mais atuais sobre sexualidade feminina revelam que prevalece a ideia de que o envelhecimento diminui o desejo sexual, apesar de indivíduos nessa faixa etária permanecerem sexualmente ativos (ABREU, 2017; VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016). Essa falta de reconhecimento sobre a importância da sexualidade em idosos, reforça a necessidade de políticas públicas voltadas a este público.

Nesse sentido, constituiu objetivo deste estudo conhecer a percepção de mulheres em processo de envelhecimento sobre sua sexualidade. A relevância do tema está relacionada à sua atualidade em entender como a sexualidade é vivenciada nesse momento da vida, buscando contribuir com políticas de cuidado voltadas às mulheres.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Pesquisa qualitativa realizada em 2005, com mulheres que participavam de um grupo de convivência do programa ambulatorial “Gerenciamento do Envelhecimento Natural - GEN”. Esse Programa era voltado para pessoas em processo de envelhecimento e, envolvia atendimento ambulatorial, de prevenção e de reabilitação física, mental e social, desenvolvido de forma interdisciplinar, nas dependências de um hospital geral público de uma capital do Nordeste. Ele foi iniciado em 2001 e descontinuado após 7 anos de funcionamento.

Foram incluídas mulheres com idade superior a 50 anos que participavam do Programa GEN pelo período mínimo de 6 meses e que compareceram à reunião de apresentação desta pesquisa. Mulheres com alterações cognitivas ou dificuldades de comunicação não foram incluídas.

No total, 77 mulheres frequentavam o programa. Destas, 51 eram elegíveis para esta pesquisa, sendo que doze aceitaram participar, mas três não compareceram às reuniões. A amostra final foi de nove mulheres.

Os instrumentos foram aplicados por um único pesquisador sendo utilizado questionário estruturado para obter dados demográficos e socioeconômicos sobre as participantes e realizadas entrevistas semiestruturadas contendo as seguintes questões abertas: Fale sobre o que significa, para você, sexualidade. Fale sobre o início de sua vida sexual. Como você descreve sua vida conjugal? Você pode falar sobre situações relacionadas à sua satisfação e prazer sexual?

As entrevistas foram realizadas em espaço reservado, com duração média de 50 minutos, gravadas e posteriormente transcritas. Foram numeradas conforme a ordem de realização e analisadas segundo a técnica de análise de conteúdo na modalidade temática (MINAYO, 2017).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, parecer n° 33104596/2005 e atendeu aos critérios da Resolução n° 466/2012 e de suas complementares.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O número de mulheres entrevistadas é, em si, um resultado a ser discutido. Apenas 12 mulheres, de 77 aceitaram participar e nove compareceram. Achados semelhantes foram apontados em outros estudos revelando que esse tema ainda é cercado de preconceito entre os próprios idosos (FRUGOLI; MAGALHÃES JUNIOR, 2011; SILVA; RODRIGUES; GONÇALVES, 2020). Além disso, a dificuldade em abordar questões ligadas à experiência sexual, podem ser decorrentes dos mitos que marcam a vida de mulheres.

Quanto ao perfil sociodemográfico, as entrevistadas apresentaram média de 71 anos, variando de 54 a 86 anos, se declararam católicas e tinham escolaridade de cerca de oito anos, sendo sete professoras aposentadas, uma técnica em contabilidade e outra auxiliar de enfermagem, demonstrando uma amostra heterogênea de mulheres.

Uma mulher não referiu doença crônica, as demais informaram principalmente, artrose, cardiopatias e diabetes. Cinco relataram praticar atividade física regularmente. A renda familiar variou entre dois e oito salários mínimos e quatro eram provedoras do lar. Três mulheres viviam com os companheiros, quatro eram separadas e duas viúvas.

Os resultados são apresentados a partir de três núcleos temáticos: O que mulheres em processo de envelhecimento sabem (e falam) sobre sexualidade; Envelhecimento, sexualidade e imagem corporal; Sexualidade e envelhecimento: da negação ao exercício do

desejo.

### 3.1 O QUE MULHERES EM PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SABEM (E FALAM) SOBRE SEXUALIDADE

As percepções sobre sexualidade e velhice, para as mulheres entrevistadas, foram ancoradas em diferentes fatores, como o início da vida sexual ou sua vivência ao longo da relação conjugal, assim como as informações recebidas sobre a sexualidade ao longo da vida. A maioria recebeu informações repassadas por outras mulheres de gerações mais velhas, que sofreram influência do contexto patriarcal da época, ligados à conjugalidade e repressão do direito ao exercício da sexualidade.

*“Não sabia de nada que era sexo! Nada, absolutamente nada. Minha mãe e minha tia só foram me dizer como era na semana antes de me casar. Disseram que eu tinha que servir meu marido sempre... que era pecado rejeitar o marido (E04)”.*

*“Não sabia nem o que era namoro, ou sexo. Tanto que o dia que este homem casou comigo, que eu vi ele nu, eu corria como o diabo, com medo! (E07)”.*

Parte das mulheres iniciou a vida sexual de forma abrupta e violenta, condição legitimada pela dependência material das grandes instâncias de socialização que são a família e a escola, criando marcas indelévels que podem acompanhá-las por toda vida ou até passivamente levá-las a viver em uma relação de jugo e obrigações (ALENCAR et al., 2016).

Para Foucault, embora nem sempre a sexualidade seja alvo de uma postura repressiva na sociedade, a família pode ser uma instância de controle do corpo e da sexualidade feminina (FOUCAULT, 2018). O papel da mulher casada seria satisfazer as vontades do marido. O direito a sentir prazer, para a maioria, era desconhecido. A sexualidade era voltada à reprodução familiar. Acrescente-se que essas experiências foram vivenciadas nas décadas anteriores aos anos 1960, marcadas pela repressão da sexualidade e pela desigualdade de gênero.

Chama atenção o fato de que a maioria das mulheres teve sua iniciação sexual com homens mais velhos, com os quais a negociação sobre o prazer era mais limitada. As normas impostas eram aceitas em razão das suas condições de vida e da relação de subjugo na conjugalidade.

Segundo Beauvoir o casamento, de modo geral, era como um rapto do universo infantil feminino (BEAUVOIR, 2009). Uma violência que provoca de forma abrupta a passagem de moça para mulher, muitas vezes, com sequelas e marcas duradouras.

*“Sexualidade... eu acho que é uma coisa que faz o complemento da vida, mas que não é útil de jeito nenhum. Não sei se foi pela maneira da minha infância, porque fui casada e nunca namorei (E04)”.*

Porém, parte das mulheres entrevistadas restringiram a compreensão da sexualidade ao ato sexual.

*“A sexualidade é quando a pessoa ainda tem a vontade de ter sexo não é isso? Ou não? (E8)”.*

*Sexualidade é uma relação íntima que só pode se realizar entre duas pessoas e isso já é determinado. Toda pessoa que procura um parceiro, com certeza, o objetivo é o sexo (E1)”.*

Esse resultado diverge de outras pesquisas que demonstraram que os idosos compreendiam a sexualidade em sentido amplo, significando bem mais que a relação sexual, destacando aspectos de natureza cultural, educacional, social e emocional (GABRIEL; NEVES; DIAS, 2010; PINTO et al., 2019).

Essa percepção foi identificada entre as mulheres mais jovens desta pesquisa quando atribuem um significado abrangente para o exercício da sexualidade, reconhecendo a existência de constrangimentos sociais em parte das suas vidas e o aprendizado de diferentes formas de sua expressão, permitindo experimentar outras possibilidades de sexualidade e prazer.

*“Sexualidade, em geral eu acho que é tudo que envolve atração entre os sexos e a realização desse. Tem que ter essa experiência para você reconhecer sua sexualidade. E conhecendo a sua, automaticamente conhece a do seu companheiro, marido, e tenta adequar ou tenta uma boa atuação sexual. O certo é que... independente de sexo... de duas pessoas do mesmo sexo, sexo diferente, homem, mulher, eu acho que sexualidade é... a pessoa tem que ser feliz (E03)”.*

*“[...] depende do momento da companhia, é um desejo que a pessoa tem. O tratamento... carinho... não é só sexo. É maneira de fazer (E2)”.*

Como visto, a percepção da sexualidade muda em conformidade com as trajetórias sexuais femininas. Assim, é possível destacar que as mulheres mais jovens da nossa amostra

(54, 56 e 58 anos) buscaram outras expressões da sexualidade, envolvendo intimidade e carinho; diferente das percepções das mulheres de mais idade cujas trajetórias sexuais são marcadas pela ausência de prazer.

### 3.2 ENVELHECIMENTO, SEXUALIDADE E IMAGEM CORPORAL

Algumas entrevistadas mencionaram que a imagem do corpo envelhecido provocava resistência ao exercício da sexualidade e limitações nas expectativas de vivenciá-la. De modo geral, as mulheres são as que mais sofrem preconceitos, sendo avaliadas pela aparência e capacidade reprodutiva, sentindo-se afetadas com as mudanças provocadas pelo envelhecimento em seus corpos.

Políticas e serviços de saúde voltados para essa fase da vida das mulheres preocupam-se, quase exclusivamente, com as doenças e pouco enfocam sobre seu bem-estar ou a qualidade de vida. Os relatos nos dão a devida dimensão do papel da corporeidade e da autoimagem nessa fase da vida:

*“O homem hoje que chegar perto de mim vai olhar pra um corpo deformado já toda caída. Eu não quero mais mostrar meu corpo. Eu tenho é que recorrer à plástica mesmo (E07)”.*

Em nossa sociedade, observa-se uma supervalorização da juventude, traduzida em preocupação excessiva com a aparência e o culto ao corpo esbelto, saudável e jovem (CAMERON et al., 2019). Tenta-se, através de diversos meios, adiar o envelhecimento (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016).

A mulher na fase de envelhecimento se depara com preconceitos e mitos acerca do corpo e da velhice marcada por fenômenos importantes como a ideia de que o velho não é bonito e a consequente busca de sua negação a partir do uso de recursos disponíveis; além da associação entre a mulher idosa e a figura de avó, passando uma imagem assexuada, contrapondo-se à possibilidade de vivenciar sua sexualidade (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016). Idosos submetidos às imposições da sociedade parecem aceitar a dessexualização como um processo normal da idade (LIMA et al., 2019).

No entanto, uma das entrevistadas relatou mudanças empoderadoras advindas com o envelhecimento:

*“Depois... mais velha... que eu fui me sentir mais mulher. Porque eu me achava mais rechonchudinha, né? Quando eu tinha uns 78 anos, ele já tava meio adoentado, mas ele me dizia assim: “Ah! Minha filha, tu vem só me atentar com essa bundona”. A velhice não me deixou feia, não (E09)”.*



O relato acima contrasta com outras experiências que associam a velhice à imagem corporal, inclusive entre parte das mulheres entrevistadas. Disfunção sexual nas mulheres, redução da libido sexual (GRANVILLE; PREGLER, 2018) e da lubrificação, bem como alterações corporais - pele flácida, cabelos grisalhos, perda de dentes, presença de doenças crônicas - constituem alterações fisiológicas naturais do envelhecimento e podem interferir negativamente na expressão da sexualidade (UCHÔA, 2016).

A velhice é historicamente marcada por uma trajetória de invisibilidade, provavelmente por ser intimamente ligada à finitude ou a um período de perdas do capital erótico corporal atribuídos à juventude. As mulheres velhas passam a se sentir ignoradas, não desejáveis e transparentes ao olhar masculino (MOTTA, 2012).

Só recentemente foi lançado um olhar diferenciado para essa fase da vida que ainda incorpora uma série de paradigmas associados a preconceitos na construção do papel do idoso, especialmente da mulher idosa (KARPF, 2015). Nesse contexto, Ferdenzi et al. (2015) destacam a atuação dos estímulos sociais na manifestação do desejo nas mulheres. A reação negativa com que o contexto social avalia as alterações corporais da mulher idosa constitui importante fator ligado à perda do interesse sexual (FLEURY, 2015).

Com a revolução sexual, a mulher adquiriu maior autonomia sobre seu corpo, entretanto, a exposição dos seus desejos continuou sendo vista de maneira negativa e corroborou para a repressão da expressividade feminina acerca de suas necessidades sexuais (BARROS, 2017).

Por outro lado, as vivências positivas relacionadas à sexualidade possibilitaram o reconhecimento da beleza e do erotismo que marcam as experiências sexuais. Mulheres que já entraram na menopausa mantêm sua capacidade de chegar ao orgasmo diretamente relacionado à afetividade junto ao companheiro (PENTEADO, 2004).

Neste estudo, o exercício da sexualidade não necessariamente foi prejudicado pelas alterações fisiológicas.

*“Após a menopausa... não acho que alterou minha libido. Se vejo um filme erótico, eu sei que estou viva... não tenho vagina seca e sinto minhas vontades, embora tenha muita preguiça (E03)”.*

Embora os aspectos biológicos associados à resposta sexual feminina pareçam universais, os aspectos subjetivos e/ou emocionais estão sujeitos a fatores culturais e de

aprendizado, desempenhando papel importante na sexualidade (ROSENBAUM; SABBAG, 2020).

Nesse sentido, apesar de uma sociedade cercada de tabus e que prioriza o “novo”, os valores estéticos e a aparência, o desejo não tem idade. O ser humano é um ser sexuado e tem sua caminhada existencial marcada pela dinâmica das forças oriundas do princípio do prazer, mesmo norteado por forças repressivas e permissivas (BRUNS, 2007).

A relação entre imagem corporal e sexualidade, problematizada pelas mulheres entrevistadas, leva à reflexão sobre a desigualdade de gênero que predomina nas sociedades ocidentais e favorece aos homens. Um homem velho que exerce sua sexualidade reforça sua virilidade, já a mulher que busca exercitar sua sexualidade se torna uma “velha assanhada”.

Para adesão ao padrão socialmente esperado de vivência do envelhecimento, verifica-se que a autoestima e a sexualidade são dimensões da subjetividade afetadas. Sobre elas se impõem mecanismos acionados pelos grupos sociais para estabelecer o controle sobre a mulher e sua sexualidade que, mesmo tendo criado seus filhos e cumprido com as chamadas obrigações sociais, não conseguem assumir as possibilidades de si plenamente.

### 3.3 SEXUALIDADE E O ENVELHECIMENTO: DA NEGAÇÃO AO EXERCÍCIO DO DESEJO

As entrevistas evidenciaram que as experiências relacionadas ao início ou ao longo da vida sexual influenciaram no exercício da sexualidade após os 50 anos de idade. Algumas tiveram a possibilidade de encarar o envelhecimento como um processo natural, apesar de muitas vezes, repetirem padrões estabelecidos na sociedade marcados por anulação da sexualidade, após a perda do companheiro.

*“Se eu tivesse o meu marido... tudo bem! Eu acho que até gostaria do sexo! Mas ele morreu e o que não é visto não é lembrado! Eu sinto muita falta dele. Então eu vou levando assim mesmo, vivendo sem pensar mais em nada disso (E06)”.*

Por outro lado, aquelas mulheres cujo início da vida sexual ocorreu cercado pelo desconhecimento e cerceado em suas necessidades sexuais, construíram percepções negativas atreladas ao exercício da sua sexualidade.

*“Não aguentava ele pegar nos meus peitos. Fui mesmo... como se diz? Agredida! Forçada! Era “estrompada”. Feito mesmo na bruta. Aceitar sem querer! Mentia, fazia tudo! Acordava meus filhos para dar de mamar. Mas, às vezes, até junto com meus filhos ele queria ter relação (E04)”.*

Vivências marcadas pela agressão dão subsídios para a construção das percepções negativas (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016). O relato acima demonstra a intensidade da violência sexual e doméstica que marca a trajetória de vida de muitas mulheres. Outras experiências são acompanhadas também pela violência psicológica, como no trecho da narrativa que se segue.

*“Ele me tratava só de “estupor”. Ele não me procurava direito... com carinho... nem me tocava direito. Durante minha gravidez, ele me ignorou todo tempo (E02)”.*

Algumas vezes, a abordagem do companheiro era carregada de indiferença; em outras, dissimulada para obter os “favores sexuais” contribuindo para a “desconstrução” do clima de afeto.

A ausência de carinho e comunicação erótica no relacionamento conjugal leva a mulher a uma percepção de ações repetitivas, dando uma conotação de automatismo e levando à “morte do erotismo” (SALZEDAS; BRUNS, 2007).

*“Ele nunca tem aquela conversa... vai me pegando! Não diz uma palavra. “Eu digo pra ele: sexo não é só chegar como um animal. tem que ter uma conversa.” Eu fico pensando que... quando a gente está bem todo carinho fica ponto positivo para me realizar (E01)”.*

Para Bourdieu, a violência é um fenômeno social que se realiza não apenas em termos de uma agressão física, mas em formas simbólicas tão graves quanto esta. Trata-se de um fenômeno que se conjuga com os preceitos da dominação masculina, em que a diferenciação entre os sexos se torna uma modalidade de hierarquização e poder (BOURDIEU, 2019).

Muitas vezes, a violência simbólica se manifesta nas circunstâncias em que as mulheres se veem impossibilitadas de demonstrar ou negociar seus desejos. Trata-se de uma modalidade de violência que se expressa pela negação do desejo, enquanto um dos mecanismos presente nas normas sociais vigentes que são alicerçadas nas hierarquias de gênero (SERRA, 2010; HEISE, 2007).

Muitas mulheres passam toda vida conjugal sem experimentar o prazer de ser acariciada que proporciona uma iniciação gradual à sexualidade e quando vivenciam essas práticas percebem a sua sexualidade em uma dimensão maior. Neste estudo, entretanto, parte das entrevistadas vivenciou uma reinvenção quanto à sexualidade se permitindo novas experiências na velhice, como masturbação e homossexualidade.

*“É um meio que Deus fez para unir o homem e a mulher e que às vezes não é só assim, pode ser um homem com homem, mulher com mulher (E2)”.*

Essa fala indica que, para elas, a sexualidade é fenômeno relacional, exercitando-se sempre com um outro enquanto agente de compartilhar desejo e prazer, seja com um homem ou outra mulher. É possível que, por esse motivo, as trajetórias sexuais de violência física e psicológica tenham se tornado um instrumento de repressão da sexualidade feminina que marcou a vida dessas mulheres.

Na perspectiva de Foucault, a sexualidade é um dispositivo de regulação dos comportamentos e normatização das práticas sexuais (FOUCAULT, 201). De tal forma, que expõe a complexidade das questões pontuadas pelas mulheres e nos leva a refletir sobre as sensações, afetos e prazeres, bem como sobre as normas sociais que conjuntamente formatam a sua experiência.

*“No meu caso, eu tava muito fragilizada, só vivia debaixo de muita briga, muita confusão e depois eu encontrei uma pessoa do mesmo... sexo. Ela me fazia todos os carinhos e me tratava muito bem. Fazia determinadas coisas comigo que ele não fazia. Foi daí que ela descobriu em mim coisas que ele nunca tinha descoberto, né? E aí foi que eu fui me apaixonando, tendo aquela queda, pelo sexo com ela (E02)”.*

A condição de maus tratos físico e emocional durante anos de relações conflituosas faz com que algumas mulheres de idade mais avançada ou mesmo mais jovem, por carência e abandono, busquem o prazer de outras formas (TRINDADE; FERREIRA, 2008). Neste estudo, a masturbação também foi apresentada como uma possibilidade de prazer.

*“Vendo um filme erótico... você se excita, isso é normal! Isso aí, em mim, ainda continua à flor da pele. Masturbação, de vez em quando eu ainda faço, me sinto bem. Eu acho que relaxa um pouco. Não vejo nada demais mesmo, não é? (E03)”.*

Esses relatos fornecem pistas para entender que, mesmo diante das violências vividas na conjugalidade, as mulheres mais jovens se permitiram estabelecer outras experiências relacionadas ao desejo, ao prazer e à sexualidade.

As mulheres que se masturbam, conhecendo melhor, portanto, o próprio corpo, tendem a suplantam valores tradicionais e estigmas ligados à ideia de promiscuidade, permitindo-se maior quantidade de experiências sexuais diferentes (VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016). Porém, algumas se constroem ao buscar o auto prazer, o que pode ser explicado pelo fato de que, ainda hoje, a masturbação, antes de ser vista como uma estratégia de descoberta do próprio corpo e de melhora do desempenho sexual, representa insucesso na vida sexual com o parceiro ou um comportamento de falta de vergonha (TRINDADE; FERREIRA, 2008).

Apesar desse avanço, sentimentos de culpa e punição perpassaram a vida sexual das entrevistadas.

*“Eu tava dormindo e sonhei que eu tava fazendo sexo com ele (ex-marido), né? Senti mesmo um “bucado” de coisa. Ai quando eu acordei eu disse: “meu Deus do céu! Ainda me aparece com esse homem! Cruz, credo! Que pecado! Depois me senti até mal (E07)”.*

A necessidade do parceiro para a promoção e validação do prazer afasta mais ainda esta mulher do autoconhecimento e do exercício da sexualidade.

*“Às vezes... vem aquele pensamento do que foi. Porque ele se esforçava pra me satisfazer. Ele tinha uns oitenta e poucos e eu setenta e nove. Ai então eu vou sentindo aquelas coisas do prazer! Ai... vou é me banhar... só me lembrando dele (E09)”.*

*“Ele passou cinco anos doente, aí pronto! Já não tinha condições de ter relações comigo e eu tive que me conformar. Mas eu acho que eu ainda dava alguma coisa! (E06)”.*

O exercício da sexualidade de mulheres idosas encontra outra barreira, nas limitações do cônjuge, quando acometidos por doenças que impedem ou dificultam uma vida sexual ativa (FLEURY, 2015).

A impossibilidade de viver sua sexualidade plena com o cônjuge traz o desafio de buscar outras possibilidades para a “erogênização”: carinho, aconchego, contatos físicos mais frequentes. Com o envelhecimento, os sentimentos que marcam os tempos do namoro

devem ser resgatados, como companheirismo, cumplicidade e contato físico (RODRIGUES, 2018).

Sabendo disso, a mulher contemporânea considera a possibilidade do sexo não mais representar apenas uma forma de reprodução e de dar prazer ao outro, mas como um aspecto importante também para autoconhecimento e de sentir prazer. Colocar essa experiência em discussão pode contribuir para quebra de tabus, preconceitos e julgamentos que rodeiam mulheres em processo de envelhecimento (TRINDADE; FERREIRA, 2008).

O número de participantes neste estudo frente ao grupo de mulheres elegíveis foi relativamente baixo, podendo ser apontado como uma limitação. No entanto, na pesquisa qualitativa, a percepção de cada entrevistada representa a de um conjunto de outras pessoas e a análise das entrevistas permitiu identificar uma tendência à repetição dos discursos, sinalizando que a saturação temática foi alcançada. Em contrapartida, a oportunidade para as mulheres falarem sobre temas ainda considerados tabus constituiu uma fortaleza neste estudo.

#### **4 CONCLUSÃO**

As percepções das mulheres sobre o exercício da sexualidade foram marcadas, na fase de envelhecimento, pelas experiências anteriores ao climatério. Preconceitos e tabus ligados a valores culturais e religiosos, bem como a falta de orientação e conhecimentos, levaram à incorporação da compreensão, por algumas mulheres, que idosas devem manter velados seus desejos e fantasias. Outras, principalmente com menor idade, adotaram uma perspectiva ampla da sexualidade, fortalecendo posturas ativas na busca pelo prazer durante o envelhecimento.

É importante afirmar que as mulheres indicaram o caráter relacional e ampliado na compreensão da sexualidade em suas trajetórias, incluindo moralidades e preconceitos que impactam em suas experiências. Também foram referidas diferentes modalidades de violência: doméstica, psicológica e sexual.

O modelo de dominação masculina determinou fortemente as experiências relatadas, entretanto algumas mulheres escaparam a esse modelo normativo vigente. São essas iniciativas e agências que permitem que, hoje, gerações mais jovens possam vivenciar a sexualidade com autonomia, com afetos, sem o vínculo determinante da reprodução social.

Este estudo traz relevantes contribuições para o fortalecimento da atenção humanizada e integral à saúde das mulheres para além do período reprodutivo,

despertando para ampliação do olhar e das ações de especialistas como geriatras e ginecologistas, respeitando o ciclo de vida dessas mulheres. Estes resultados também contribuem com o campo científico da área da Geriatria e Gerontologia, revelando o surgimento de novas perspectivas e vivências em relação à sexualidade no processo de envelhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ABREU M.C. Velhice: uma nova paisagem. São Paulo: Editora Ágora, 2017.
- ALENCAR D.L.; MARQUES A.P.D.O, LEAL M.C.C.; VIEIRA J.D.C.M. Exercício da sexualidade em pessoas idosas e os fatores relacionados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 19, p. 861-869, 2016.
- BARRETO A.P.P.; NOGUEIRA A.; TEIXEIRA B.; BRASIL C.; LEMOS A.; LÔRDELO P. O impacto da disfunção sexual na qualidade de vida feminina: um estudo observacional. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, v. 8, n. 4, p. 511-517, 2018.
- BARROS P.M. A Revolução Sexual nos anos 70 e o pensamento contracultural de Rosie Marie Muraro. *Revista NUPEM*, v. 9, n. 18, p. 98-108, 2017.
- BEAUVOIR S. O Segundo sexo: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOURDIEU P. A dominação masculina. 16ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- BRUNS M.A.T.; DEL-MASSO M.C.S. Envelhecimento humano: diferentes perspectivas. Campinas: Editora Alínea, 2007.
- CAMERON E.; WARD P.; MANDVILLE-ANSTEY S.A.; COOMBS A. O corpo do envelhecimento feminino: Uma revisão sistemática das perspectivas femininas sobre envelhecimento, saúde e imagem corporal. *Journal of women & aging*, v. 31, n. 1, p. 3-17, 2019.
- FERDENZI C.; DELPLANQUE S.; VORONTSOVA-WENGER O.; POOL E.; BIANCHI-DEMICHELI F.; SANDER D. Perception of men's beauty and attractiveness by women with low sexual desire. *The journal of sexual medicine*, v. 12, n. 4, p. 946-955, 2015.
- FLEURY H.J.; ABDO C.H.N. Sexualidade da mulher idosa. *Diagnóstico Tratamento*, v. 20, n. 3, p. 117-120, 2015.
- FOUCAULT M. *Historia da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2018.
- FRUGOLI A.; MAGALHÃES JUNIOR C.A.O. A sexualidade na terceira idade na percepção de um grupo de idosas e indicações para a educação sexual. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 15, n. 1, 2011.
- GABRIEL G.L.L.; NEVES S.; DIAS L.G. Sexualidade na vivência de idosos. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.9789/2175-5361.2010.v0i0.%25p>> Acesso em > 30/08/2021.
- GONTIJO F.S.; SCHAAN D.P. Sexualidade e teoria queer: apontamentos para a arqueologia e para a antropologia brasileiras. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p. 51-70, 2017.



GRANVILLE L.; PREGLER J. Women's Sexual Health and Aging. *Journal of the American Geriatrics Society*, v. 66, n. 3, p. 595-601, 2018.

HEISE L.H. *Violence, sexuality, and women's lives*. Routledge, 2007.

KARPF A. *Como envelhecer*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LIMA E.D.; ALVES L.R.; FERREIRA N.F.; ALENCAR R.B.O. As escritas do amor na velhice: uma revisão sistemática. In: Rocha SMCr. *Políticas de Envelhecimento Populacional 2*. Ponta Grossa: Atena Editora, p.188-197, 2019.

MOTTA AB. *Mulheres velhas: elas começam a aparecer*. PEDRO, JM (Org.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MINAYO M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista pesquisa qualitativa*, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

PENTEADO S.R.L.; FONSECA A.M.; BAGNOLI V.R.; ASSIS J.S.; PINOTTI J.A. Avaliação da capacidade orgástica em mulheres na pós-menopausa. *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 50, n. 4, p. 444-450, 2004.

PINTO M.X.R.; PINTO M.X.R.; REIS L.A.; SANTANA E.S.; REIS L.A. Sexualidade e envelhecimento: a percepção de idosos participantes de grupo de convivência. *Fisioterapia Brasil*, v. 20, n. 1, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33233/fb.v20i1.2386>.

RODRIGUES D.M.M.R.; LABEGALINI C.M.G.; HIGARASHI I.H; HEIDEMANN I.T.S.B.; BALDISSERA V.D.A. O percurso educativo dialógico como estratégia de cuidado em sexualidade com idosas. *Escola Anna Nery*, v. 22, 2018.

ROSENBAUM S.D.G.; SABBAG S.P. Contemporary questions about female sexuality: considerations regarding cultural, social, biological and emotional aspects. *International Journal Health Manage Review*, v.6, n.1, p. 1-12, 2020.

SALZEDAS P.L.; BRUNS, M.A.T. O desvelar das diferenças entre gêneros: vivências afetivo-sexuais das mulheres no climatério. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 17, n. 2, 2006.

SARASWATI L.A.; SHAW B.L.; RELIHAN H. *Introduction to women's, gender & sexuality studies. Interdisciplinary and intersectional approaches*. 2nd ed. New York: Oxford University Press; 2020.

SCARDOELLI M.G.D.C.; FIGUEIREDO A.F.R.D.; PIMENTEL R.R.D.S. Mudanças advindas do envelhecimento: sexualidade de idosos com complicações da diabetes mellitus. *Rev Enferm UFPE on line*, p 2963-2970, 2017. Disponível em <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-32469>> Acesso em 30/08/2021.

SERRA J.N. Violência simbólica contra os idosos: forma sigilosa e sutil de constrangimento. *Revista de Políticas Públicas*, v. 14, n. 1, 2010.

SILVA R.M.; RODRIGUES B.D.; GONÇALVES L.S. Sexuality in the third age under the perspective of older persons attended in a federal district psychogeriatrics ambulatory. *Braz. J. of Develop*, v. 6, n. 2, p.6273-6292, 2020.

TOZO I.M.; LIMA S.M.R.R.; GONÇALVES J.C.M.; AOKI RT. Disfunção sexual feminina: a importância do conhecimento e do diagnóstico pelo ginecologista. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, v. 52, n. 3, p. 94-99, 2007.

TRINDADE W.R.; FERREIRA M.A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 17, n. 3, p. 417-426, 2008.

UCHÔA Y.D.S.; COSTA D.C.A.D.; SILVA JUNIOR I.A.P.D.; SILVA S.D.T.S.E.D.; FREITAS W.M.T.D.M; SOARES S.C.D.S. A sexualidade sob o olhar da pessoa idosa. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 19, n. 6, p. 939-949, 2016.

VIEIRA K.F.L.; COUTINHO M.P.L; SARAIVA E.R.A. A Sexualidade na Velhice: Representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 36, p. 196-209, 2016.

WEINBERGER J.M.; HOUMAN J.; CARON A.T.; PATEL D.N.; BASKIN A.S.; ACKERMAN A.L.; ET AL. Female sexual dysfunction and the placebo effect: a meta-analysis. *Obstetrics & Gynecology*, v. 132, n. 2, p. 453-458, 2018.